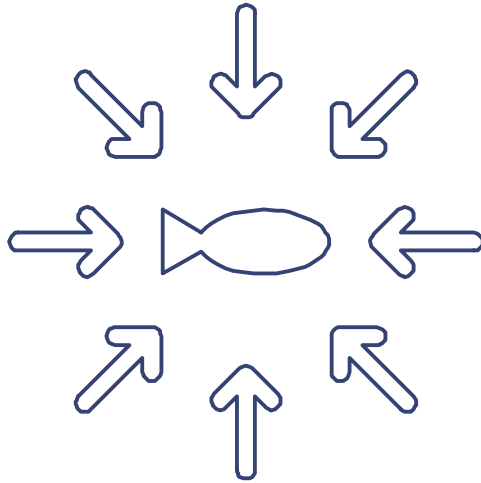




Equipas de Nossa Senhora



Cristo

Centro da Vida Cristã

Tema de estudo
para o ano 2007/2008

SUMÁRIO

Introdução.....	3
PRIMEIRA REUNIÃO	
<i>Jesus homem</i>	5
SEGUNDA REUNIÃO	
<i>Jesus Cristo</i>	13
TERCEIRA REUNIÃO	
<i>A Mensagem de Jesus (1)</i>	21
QUARTA REUNIÃO	
<i>A Mensagem de Jesus (2)</i>	27
QUINTA REUNIÃO	
<i>A Mensagem de Jesus (3)</i>	33
SEXTA REUNIÃO	
<i>A Mensagem de Jesus (4)</i>	45
SÉTIMA REUNIÃO	
<i>A Páscoa de Jesus</i>	53
OITAVA REUNIÃO	
<i>Jesus presente na sua Igreja</i>	63

INTRODUÇÃO

Os temas de estudo propostos para os anos após o Encontro Internacional de Lourdes (2006), desenvolvem a orientação do Movimento para os próximos seis anos: "EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, COMUNIDADES VIVAS DE CASAIS, REFLEXO DO AMOR DE CRISTO".

O tratamento desta temática foi iniciado no ano passado (2006/2007) com o tema de estudo: "A Espiritualidade Conjugal e os Compromissos nas Equipas de Nossa Senhora" (que abordou a primeira parte daquela orientação).

Para este ano de 2007/2008, a proposta do Movimento é tomarmos consciência que é Cristo quem nos reúne e envia, Ele que é o centro da nossa vida, através do estudo do tema:

"CRISTO, CENTRO DA VIDA CRISTÃ".

No ano seguinte, 2008/2009, trataremos o tema: "Testemunhas ao Serviço dos Casais" (que corresponde ao desenvolvimento da terceira parte: "Reflexo do Amor de Cristo").

Esperamos que as diferentes perspectivas que estes temas apresentam nos ajudem a aprofundar a orientação para os anos após Lourdes e desejamos que sejam motivadores de uma reflexão profunda e de verdadeira partilha para todos os membros das Equipas da Supra-Região Portugal que os adoptem.

Julho de 2007
Equipa da Supra-Região

PRIMEIRA REUNIÃO

JESUS HOMEM

“Provado Em Tudo Como Nós, Excepto No Pecado” (*Hebreus 4,15*)

A Palavra de Deus

Por aqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra. Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria. Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade. Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida.

E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria (Lc 2,1-7).

Quando se completaram os oito dias, para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no seio materno (Lc 2,21).

Sabemos pelos Evangelhos, e também por vários autores não cristãos como Tácito, Plínio, Flávio Josefo e outros, que um homem chamado Jesus viveu na Palestina, quando em Roma se sucediam os imperadores Augusto e Tibério.

Acreditamos que esse homem era ao mesmo tempo Deus: o Filho, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Mas é importante iniciar a nossa reflexão sobre a figura de “Jesus, centro da vida cristã” começando por considerar a sua humanidade, porque foi assim que os Apóstolos e os

primeiros discípulos inicialmente O conheceram. Foi a partir da sua própria experiência e da memória que guardavam da palavra de Jesus que se desenvolveu a reflexão que os levou a reconhecer n'Ele o próprio Deus. Eles transmitiram-nos essa fé, de geração em geração, na vida da Igreja e em particular através dos escritos do Novo Testamento.

Que nos dizem as Escrituras acerca da humanidade de Jesus?

Mesmo havendo outras testemunhas da sua existência histórica, é essencialmente pelos Evangelhos que podemos descobrir toda a consistência da humanidade de Jesus.

Com efeito, eles dizem-nos que Jesus nasceu de uma mulher (Lc 22,4-7), que cresceu numa família, como qualquer rapaz (Lc 2,51-52), que trabalhou na oficina de seu pai (Mt 13,54-56), que viveu intensamente os anos de maturidade e que, no fim, morreu de forma trágica (Mc 15,33-37).

Mostram-nos também a riqueza e a profundidade da sua personalidade. Jesus manteve vivas relações de amizade, com delicadeza e ternura: preocupou-se com a fadiga dos Apóstolos ao regressarem da sua missão (Mc 6,30-31); sentiu espontaneamente afeição pelo jovem rico que, no entanto, O decepcionou (Mc 10,17-22); chorou sobre o túmulo do seu amigo Lázaro (Jo 11,32-36); desejou "ardentemente" comer a Páscoa com os discípulos antes da sua Paixão (Lc 22,15-16).

Ao mesmo tempo, os Evangelhos mostram-nos também que Jesus, sem nunca Se deixar fechar nos formalismos culturais ou religiosos, ia logo ao cerne dos problemas e captava a verdade das personalidades: era atento, disposto para o diálogo, compassivo para com as pessoas cujas situações culturais ou religiosas eram diferentes da sua: as crianças (Mc 10,13-16), a samaritana (Jo 4,6-27), o leproso samaritano (Lc 17,11-16), a cananea (Mc 7,25-30), o centurião romano (Mc 7,2-10), a prostituta condenada pelos

fariseus (Jo 8,5-11) e a mulher que se Lhe lançou aos pés para os perfumar (Lc 7,36-48).

Também se vê que Jesus partilhou de bom grado refeições com amigos (Jo 2,1-2; 12,1-2) ou com pessoas muito diferentes de quem Se queria aproximar - fariseus, publicanos, "pecadores" (Mc 2,15-16; Lc 19,1-5; etc.) - a ponto de O terem acusado de ser "glutão e bebedor de vinho" (Lc 7,34).

Os Evangelhos mostram-nos igualmente que Jesus viveu em profunda harmonia com a natureza e que, nos seus discursos, foi buscar muitas imagens à natureza: as árvores que dão fruto (Jo 15,1-6; Lc 21,29-31), as sementes que lentamente se transformam em plantas e em flores dos campos (Mt 13,24-30; Lc 13,18-19; Mc 4,26-29), as aves que povoam o céu (Mt 6,25-30), os peixes que os pescadores apanham com as suas redes (Mt 13,47-49), as ovelhas que docilmente seguem o pastor (Mt 18,12-14), o aspecto do céu que anuncia o tempo que vai fazer (Lc 12,54-57), etc.

Mas mostram-nos também que Jesus foi capaz de acessos de indignação face a comportamentos que comprometiam a verdade das relações com Deus e com o próximo: pensemos na sua atitude para com os vendilhões do templo (Jo 2,13-16), para com os escribas e os fariseus (Mt 23,13-31), para com os ricos (Lc 6,24-25), para com Jerusalém infiel (Mt 23,37-39).

Mostram-nos sobretudo Jesus debruçado sobre os sofrimentos humanos, com compaixão e com o seu poder de taumaturgo, como atesta a longa série de curas que realizou (cf. Mt 9,23-25; Mc 7,32-35; Lc 5,18-25; 7,11-15; 8,43-48; Jo 5,1-9; etc.).

Mostram-nos ainda que Jesus teve sempre sentimentos de confiança absoluta e de abandono filial na sua relação com o Pai (Mc 14,35-36; Jo 17,1) e na oração, que é frequentemente referida (Mt 14,23; Lc 6,12; 9,18.28; etc.).

Por último, mostram-nos que Jesus sentiu cansaço (Jo 4,6), que não tinha

onde morar (Lc 9,58) e que, de maneira bem mais dramática, sentiu a agonia da morte no Getsémani (Mt 26,36-38), o silêncio na cruz (Mt 27,45-46). Mas aceitou livremente a morte sem nunca Se afastar da fidelidade ao Pai (Mt 26,39-42).

Algumas reflexões iniciais

O que acaba de ser dito pode, para alguns de nós, parecer ter pouco a ver com a nossa maneira de ver Cristo. Porque, com razão, contemplamos e celebramos em Jesus o Senhor ressuscitado, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade presente na glória do céu.

Devemos, no entanto, reflectir: se a nossa maneira de ver Cristo se centra exclusivamente na divindade de Jesus, corremos o risco, quanto mais não seja inconscientemente, de minimizar a importância da sua humanidade. Nesse caso, a própria imagem de Deus ficaria de alguma maneira mutilada.

Efectivamente, no projecto de Deus a encarnação do seu Filho, a sua “humanização” em Jesus, não foi querida como um episódio fortuito que terminou com o fim da vida terrena do Senhor. Pelo contrário, a encarnação foi querida e realizada de maneira definitiva. A natureza humana do Filho encarnado está para sempre unida à sua natureza divina. Os Evangelhos dão disso testemunho de maneira significativa ao relatarem o comportamento de Jesus ressuscitado: quando Ele Se manifesta aos discípulos, fá-los tocar as chagas da sua paixão, partilha com eles uma refeição (cf. Lc 24,28-30; Jo 20,19-20.26-27; 21,9-14).

No seu infinito amor pelos homens, que não O conseguem descobrir plenamente pela inteligência nem pela vontade, Deus quis fazer-Se próximo de nós, mais facilmente acessível: é neste sentido que a Igreja nos recorda que, pela sua encarnação, Deus Se revelou aos homens.

Podemos voltar-nos para Jesus, que é ao mesmo tempo Deus e homem, com a confiança que sentimos em relação a alguém que partilhou as nossas experiências, os nossos sentimentos, expectativas e decepções semelhantes às nossas.

Jesus, que é homem e homem exemplar, é para nós um modelo de vida; inspira as nossas relações connosco próprios e com a natureza, com as outras pessoas e com Deus. Jesus, que é Deus e Salvador, também quer ser para nós um irmão na nossa caminhada, um guia na nossa vida terrena.



Questões para mim e para nós

- *Na minha/nossa **oração**, que lugar damos à meditação das palavras e dos gestos de Jesus durante a sua vida terrena? Isso tem alguma influência real nas nossas escolhas quotidianas?*
- *Damos graças pela sua vinda e pela sua presença fraterna na nossa condição humana?*
- *Ao escolhermos uma **regra de vida**, como a Carta nos pede, poderá cada um de nós decidir uma forma de nos tornarmos mais próximos de Jesus, nosso irmão e nosso mestre?*
- *Num **dever de se sentar**, interrogamo-nos sobre se as palavras e os gestos de Jesus constituem uma fonte de inspiração para as nossas relações de cônjuges? Pensemos nomeadamente na forma como Jesus está atento ao outro que se apresenta diante d'Ele, aos seus problemas, ao seu bem verdadeiro (reflectamos nisto a partir de passagens do Evangelho que nos tenham tocado).*

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais

e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Na sequência do que foi recordado, digamos uns aos outros o que confirmou a nossa maneira de ver a pessoa de Jesus e o que para nós é novidade.*
- *Na nossa forma de nos exprimirmos, ou na nossa oração, consideramos realmente Jesus na sua humanidade? Como falamos d'Ele aos nossos filhos?*
- *Vemos na nossa leitura do Evangelho, quando estamos mais atentos à humanidade de Jesus, um risco para a fé ou uma vantagem?*
- *Somos levados a privilegiar a natureza humana de Jesus a ponto de descurar a sua natureza divina ou temos tendência a não ver n'Ele senão a natureza divina?*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

Marcos 6,2-3

Chegado o sábado, começou a ensinar na sinagoga [de Nazaré]. Os numerosos ouvintes enchiam-se de espanto e diziam: "De onde é que isto Lhe vem e que sabedoria é esta que Lhe foi dada? Como se operam tão grandes milagres por suas mãos? Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?". E isto parecia-lhes escandaloso.

Marcos 10,17-22

Quando Se punha a caminho, alguém correu para Ele e ajoelhou-se, perguntando: “Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?”. Jesus disse: “Por que Me chamas bom? Ninguém é bom senão um só: Deus. Sabes os mandamentos: Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes, honra teu pai e tua mãe”. Ele respondeu: “Mestre, tenho cumprido tudo isso desde a minha juventude”. Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele e disse: “Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-Me”. Mas, ao ouvir tais palavras, ficou de semblante anuviado e retirou-se pesaroso, pois tinha muitos bens.

João 11,1.5.32-33

Estava doente um homem chamado Lázaro, de Betânia, terra de Maria e de Marta, sua irmã. [...] Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de Lázaro. [...] Quando Maria chegou ao sítio onde estava Jesus, mal O viu caiu-Lhe aos pés e disse-Lhe: "Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido". Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus suspirou profundamente comoveu-Se.

Gálatas 4,4-5

Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adopção de filhos.

Hebreus 4,14-16

Uma vez que temos um Sumo Sacerdote que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus, conservamos firme a fé que professamos. De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado. Aproximemo-nos, então, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna.

SEGUNDA REUNIÃO

JESUS CRISTO

“O Verbo era Deus... e o Verbo fez-Se Homem” (João 1,1.14)

A Palavra de Deus

*No princípio existia o Verbo;
o Verbo estava em Deus;
e o Verbo era Deus.
No princípio Ele estava em Deus.
Por Ele é que tudo começou a existir;
e sem Ele nada veio à existência.
N'Ele é que estava a Vida.
E a Vida era a Luz dos homens
[...]
E o Verbo fez-Se homem
e veio habitar connosco.
E nós contemplámos a sua glória,
a glória que possui como Filho Unigénito do Pai,
cheio de graça e de verdade
(João 1,1-5.14).*

Na nossa primeira reunião, reflectimos acerca da humanidade de Jesus, que os Evangelhos nos apresentam. Tal como fizeram os primeiros discípulos, também nós devemos aprofundar a experiência vivida com Ele.

Guiados pelo Espírito que Jesus lhes tinha prometido (Jo 16,12-13), os Apóstolos foram-se tornando cada vez mais conscientes da realidade divina de Jesus. No homem que tinham conhecido põem agora em evidência a qualidade divina do seu ser, da sua missão, do seu destino.

Para retomar esse processo de descoberta de Cristo, o Filho de Deus feito homem, os documentos mais seguros são, evidentemente, os Evangelhos e os outros escritos do Novo Testamento. Depois das gerações do Novo Testamento, os Padres da Igreja continuaram esta reflexão, seguidos dos teólogos e dos homens espirituais de todas as épocas. Assim se constitui o conjunto dos conhecimentos e dos desenvolvimentos a que chamamos "cristologia", que alimenta e esclarece a fé cristã de todos os tempos e de todas as culturas.

Que nos dizem as Escrituras acerca da humanidade de Jesus?

Como já dissemos, todos os dados necessários para captarmos teologicamente a figura de Nosso Senhor Jesus Cristo foram-nos transmitidos a partir dos escritos do Novo Testamento. Estes textos exprimem aquilo que mais tarde será codificado no Credo que recitamos todos os domingos. Jesus Cristo é o Verbo, o Filho unigênito de Deus Pai (Jo 1,18), o Primogênito de todas as criaturas (Jo 1,1-2; Cl 1,15), que vive desde sempre no seio do Pai (Jo 1,18), sendo Ele próprio Deus (Jo 1,1; Fl 2,6).

- Tudo o que existe no céu e na terra foi feito por Ele e para Ele (Jo 1,3; Cl 1,16-17), Ele que é a luz verdadeira (Jo 1,9).
- Nos Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) já aparece o mistério da divindade de Jesus: através do testemunho que d'Ele davam aqueles que eram tocados pelas suas palavras (Mt 13,54) e pelas suas obras (Lc 6,19); através do seu poder de curar (Mt 14,33) ou da sua autoridade sobre os elementos da natureza (Lc 8,25); e ainda através da consciência que o próprio Jesus manifestava da sua relação íntima com o Pai celeste (Mc 14,36).
- Cristo, o Verbo de Deus, esvaziou-Se a Si mesmo; fez-Se carne, fez-Se servo e veio habitar no meio dos homens (Jo 1,14; Fl 2,7) para revelar

que Ele próprio é o Filho de Deus, que nunca ninguém tinha visto (Jo 1,18), e para nos manifestar o mistério da sua vontade (Ef 1,9), ou seja, que fomos escolhidos desde antes da criação do mundo para sermos seus filhos adotivos (Ef 1,4-5) quando, na plenitude dos tempos, todas as coisas forem submetidas a Cristo (Ef 1,10).

- Mas o mundo não O reconheceu e não O recebeu (Jo 1,5.10-11). Apesar disso, fez-Se "obediente até à morte e morte de cruz" (Fl 2,8); "por isso mesmo é que Deus O elevou acima de tudo e Lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome", fazendo d'Ele o Senhor da história (Fl 2,9-11).
- Por Cristo recebemos a remissão dos nossos pecados (Ef 1,7). Se O acolhermos, é-nos dado o poder de nos tornarmos filhos de Deus, não pela vontade de um homem, mas sim pela vontade de Deus (Jo 1,12-13). Porque aprouve a Deus reconciliar todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua cruz tanto as que estão na terra como as que estão nos céus (Cl 1,20).
- Cristo é também "a cabeça do Corpo, que é a Igreja" (Cl 1,18).

São estas as verdades fundamentais que os teólogos foram aprofundado ao longo dos séculos. Ao mesmo tempo, estas verdades alimentam a fé dos simples crentes, de todas as condições, em todos os tempos; ainda hoje continuam a interpelar-nos.

Meditemos nestas palavras do Concílio Vaticano II, na Constituição pastoral *Gaudium et spes* (nº 22): *"Imagem de Deus invisível" (Cl 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n'Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência*

humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado (cf. Heb 4,15)”.

Algumas reflexões iniciais

Está claro que a humanidade de Jesus nos permite ter com Ele, com toda a confiança, uma relação íntima e tomá-l'O como modelo eminente na nossa vida. Mas a sua divindade põe-nos diante da profundidade do mistério de Deus.

Jesus revela-nos a paternidade de Deus e revela-nos que Deus é amor. Esse amor é o motivo profundo da presença divina no meio da humanidade na Pessoa do Filho: Deus não abandona a humanidade; não a deixa entregue a si mesma. Fiel ao projecto que tinha concebido para o homem desde o princípio, Deus Pai compromete o seu Filho, que desde o princípio estava associado à criação, para que Ele assuma agora a tarefa de reconciliar a humanidade e de restabelecer para ela a plenitude de vida a que está destinada.

A presença de Jesus Filho de Deus na humanidade faz a nossa história entrar numa dimensão cósmica: o nosso destino ultrapassa agora os limites do tempo e do espaço para assumir a vastidão da eternidade divina.

No Filho unem-se as naturezas humana e divina; o facto de Cristo ser a cabeça do Corpo de que somos feitos membros sublinha que nós próprios, os homens, estamos incluídos no plano de Deus. E não somos apenas beneficiários dele: com todo o respeito pela nossa dignidade de pessoas livres, Deus espera de nós uma adesão activa ao seu desígnio.

Podemos, assim, compreender que Santo Ireneu tenha podido dizer que *“a glória de Deus é o homem que vive, e a vida do homem é a visão de Deus;*

se a revelação de Deus pela Criação já proporcionou a vida a todos os seres que vivem na Terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida aos que vêem a Deus!" (Contra as heresias IV, 20, 7). Nós vemos Deus na Pessoa de Jesus Cristo; por Ele é-nos dado viver para sempre como filhos de Deus.



Questões para mim e para nós

- *Na minha/nossa oração, aplicamo-nos sinceramente a contemplar e a adorar o mistério da presença de Deus em Cristo? Esforçamo-nos por a reconhecer, discreta mas activa, na nossa vida de todos os dias?*
- *Peçamos a ajuda de Deus para termos a atitude dos pastores de Belém e dos Magos (cf. Lc 2,15-19; Mt 2,9-11), que souberam escutar as mensagens que os convidavam a ir adorar Cristo Senhor na humilde humanidade de uma criança.*
- *Decida cada um uma **regra de vida**, tendo em conta as pessoas, os momentos, os lugares, as leituras ou os objectos que serão sinais da presença do Filho de Deus e dos seus apelos a reconhecê-l'O.*
- *Num **dever de se sentar**, procuremos tomar consciência de que o nosso cônjuge e o nosso casal unido pelo sacramento do matrimónio são habitados pela presença misteriosa mas determinante do Senhor, fonte de todo o amor. Interroguem-nos sobre se concebemos os nossos projectos e se tomamos as nossas decisões em função do desígnio de Deus revelado pela Pessoa de Cristo.*

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Confiemos uns aos outros o que nos tocou no estudo deste capítulo, quer seja novo quer confirme a nossa fé. Temos dificuldade em reconhecer em Jesus a Pessoa do Filho de Deus?*
- *Procuremos juntos reconhecer qual é a importância da fé na divindade de Cristo para a oração e para a vida litúrgica e sacramental.*
- *Que relação podemos reconhecer entre Cristo Verbo unido à humanidade e a nossa união através do sacramento do matrimónio? (Ousemos confiar à equipa alguma coisa do nosso DSS).*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

Marcos 2,5-12

[Em Cafarnaúm, vieram trazer a Jesus um paralítico] Vendo Jesus a fé daqueles homens, disse ao paralítico: "Filho, os teus pecados estão perdoados". Ora estavam lá sentados alguns doutores da Lei, que discorriam em seus corações: "Por que fala este assim? Blasfema! Quem pode perdoar pecados senão Deus?". Jesus percebeu logo, em seu íntimo, que eles assim discorriam; e disse-lhes: "Por que discorreis assim em vossos corações? Que é mais fácil? Dizer ao paralítico: 'Os teus pecados estão perdoados', ou dizer: 'Levanta-te, pega no teu catre e anda'? Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra poder para perdoar os pecados, Eu te ordeno - disse ao paralítico: levanta-te, pega no teu catre e vai para tua casa". Ele levantou-se e, pegando logo no catre, saiu à vista de todos, de

sorte que todos se maravilhavam e glorificavam a Deus, dizendo: "Nunca vimos coisa assim!".

João 8,53-58

[No fim de um debate polémico com judeus hostis, estes disseram-Lhe:] Porventura és Tu maior que o nosso pai Abraão, que morreu? E os profetas morreram também! Afinal, quem é que Tu pretendes ser?". Jesus respondeu: "Se Eu Me glorificar a Mim mesmo, a minha glória nada valerá. Quem Me glorifica é o meu Pai, de quem dizeis: 'É o nosso Deus'; e, no entanto, não O conheceis. Eu é que O conheço; se dissesse que não O conhecia, seria como vós: um mentiroso. Mas eu conheço-O e observo a sua palavra. Abraão, vosso pai, exultou pensando em ver o meu dia; viu-o e ficou feliz". Disseram-Lhe, então, os judeus: "Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?". Jesus respondeu-lhes: "Em verdade, em verdade vos digo: antes de Abraão existir, Eu sou!".

Primeira Carta de São João 4,9-10.14-15

E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. [...] Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo. Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus.

TERCEIRA REUNIÃO

A MENSAGEM DE JESUS (I)

“Anunciar a Boa-Nova aos Pobres” (Lucas 4,18)

A Palavra de Deus

[Jesus] veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-Se para ler. Entregaram-Lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor".

Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos n'Ele. Começou, então, a dizer-lhes: "Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir" (Lc 4,16-21).

Na sinagoga da cidade de Nazaré, Jesus proclama pela primeira vez ter vindo anunciar uma boa-nova aos pobres. Fá-lo citando o profeta Isaías (61,1-2), ou seja, referindo-Se à tradição do povo eleito que Ele continua e vai aperfeiçoar. Retomará a mesma mensagem um pouco mais tarde, em resposta aos enviados de João Baptista que O vêm interrogar (Lc 7,18-24).

Que quer o Senhor dizer-nos?

- Primeira questão: em que tipo de pobre pensava Jesus ao anunciar que trazia uma "boa-nova"? Nos pobres materiais ou nos "pobres em

espírito"? Discute-se sobre esta questão, mas é evidente que Jesus pensava nos dois tipos de pobre.

Com efeito, os Evangelhos mostram que muitas vezes Jesus socorre pessoas materialmente pobres, sobretudo dos doentes físicos ou mentais. Lembremos as suas curas, a sua estima pela viúva pobre que deita o seu óbolo no Templo (Mc 12,41-44) ou, pelo contrario, a sua crítica aos ricos fechados no seu egoísmo (Lc 6,24-26). Ele pede que acolhamos prioritariamente os pobres (Lc 14,12-14). De uma forma solene, declara a importância decisiva para o juízo final dos serviços prestados aos pobres (Mt 25,31-40).

Ao mesmo tempo, os Evangelhos falam-nos da afeição de Jesus para com as crianças que, na sua fraqueza, têm confiança em quem as acolhe (Mt 19,14; Mc 10,14-15). O publicano consciente da sua miséria espiritual será justificado (Lc 18,9-14). Quando Se dirige aos seus discípulos ou ao homem rico por quem sentiu afeição, pede-lhes que deixem de se apoiar na segurança dos bens, mas que os abandonem para se entregarem sem reservas ao amor de Deus por eles (Mt 19,29; Mc 10, 17-22; Lc 12,22-31).

Pode, pois, dizer-se que a concepção de pobreza segundo Jesus implica aspectos múltiplos e complementares.

- Segunda questão que se impõe: em que consiste a "boa-nova" que Jesus anuncia aos pobres?

A boa-nova é, em primeiro lugar, que Deus está atento ao drama das diferentes formas de pobreza que marcam profundamente a condição humana. Ele não abandona os pobres à sua sorte, mas está próximo deles, com compaixão (Mt 9,35-36). Ele próprio assume todas as limitações e a pobreza que a condição humana envolve.

Ao mesmo tempo, a boa-nova que Jesus anuncia aos pobres abre a perspectiva de uma redenção final: promete-lhes que serão privilegiados para entrarem no "Reino dos céus". "*Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir*" (Lc 6,21). Os que são os últimos nesta terra serão os primeiros a entrar na plena comunhão com Deus (Mt 19,30).

Já nesta vida se abre uma perspectiva concreta de redenção. A pregação de Jesus proclama a igualdade e a fraternidade de todos diante de Deus: "Vós sois todos irmãos" (Mt 23,8). Estas ideias propagam-se na humanidade, mesmo quando a sua origem já não é reconhecida.

- Há, finalmente, uma terceira promessa de Jesus àqueles que se fazem pobres por amor a Deus. Àqueles que, num abandono confiante, deixam tudo o que protege e parece assegurar a auto-suficiência Jesus garante não só a glória nos céus mas também a alegria de uma plenitude de vida já nesta terra (Mc 10,29-30).



Questões para mim e para nós

- *Na oração, procuro uma atitude de humildade confiante na minha relação com Deus? Tenho consciência das minhas limitações face à infinita bondade divina de que sou alvo?*
- *Quando rezamos ao Senhor, somos espiritualmente solidários diante d'Ele com os múltiplos dramas da pobreza, material ou espiritual, próximos de nós ou à escala mundial? Meditamos, na fé, no poder redentor do amor de Deus para com os que estão em necessidade, em todos os tempos e em todos os lugares?*
- *Para a regra de vida, em função das nossas condições de vida, como procuramos concretamente, na vida quotidiana, corresponder à "boa-nova" anunciada pelo Senhor aos pobres que nos são próximos?*
- *Por que espécie de desapego ou de purificação nos devemos decidir para nos aproximarmos da "pobreza em espírito" que é condição para sermos recebidos no Reino de Deus?*

- *Terá cada um de nós, na sua participação responsável e reflectida na vida social e institucional, consciência de dever contribuir para a melhoria da vida colectiva na cidade?*
- *Para o **dever de se sentar**. Quando descobrimos um no outro limitações ou fraquezas físicas ou espirituais, aceitamos não nos censurarmos mutuamente? Admitimos que são traços da "pobreza" que marca, de variadíssimas maneiras, a condição humana, e que é com essas limitações que Jesus nos ama?*
- *Face a essas formas de pobreza no outro, cedemos a distanciar-nos ou a fazer juízos pouco caridosos? Ou procuramos ter aquela atitude de "bondosa compaixão" que Jesus teve para com os pobres?*

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *A mensagem de Jesus sobre a pobreza torna-nos atentos à nossa "não pobreza", isto é, às pretensões de auto-suficiência, aos nossos desejos de posse de toda a ordem? Isto tem alguma relação com o nosso sentido de pecado?*
- *O Evangelho é para nós um apelo a procurar mais sobriedade no nosso estilo de vida? Encontramos no Evangelho alguma motivação para a partilha fraterna?*
- *Diante dos problemas dramáticos da pobreza material, psicológica e espiritual tão espalhados no mundo desenvolvido ou nas regiões em vias de desenvolvimento, apesar dos avanços técnicos e económicos do nosso tempo, que nos*

pede, no fundo, o Evangelho? Como poderemos ser portadores da "boa-nova anunciada aos pobres"?

- *Mesmo não passando de modestos actores nos nossos meios profissionais ou na vida pública, pomos em prática nesses campos o amor aos pobres?*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

Marcos 10,28-31

Pedro começou a dizer-Lhe [a Jesus]: "Aqui estamos nós que deixámos tudo e Te seguimos". Jesus respondeu: "Em verdade vos digo: quem deixar casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, juntamente com perseguições, e, no tempo futuro, a vida eterna. Muitos dos que são primeiros serão últimos, e muitos dos que são últimos serão primeiros".

Lucas 10,21-22

Nesse mesmo instante, Jesus estremeceu de alegria sob a acção do Espírito Santo e disse: "Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo Me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho houver por bem revelar-lho".

Salmo 34(33)

O pobre reza ao Senhor. Jesus rezava com salmos como este.

Em todo o tempo, bendirei o Senhor; o seu louvor estará sempre nos meus lábios.

A minha alma gloria-se no Senhor! Que os humildes saibam e se alegrem.
Enaltecei comigo ao Senhor; exaltemos juntos o seu nome.

Procurei o Senhor e Ele respondeu-me, livrou-me de todos os meus temores.

Aqueles que O contemplam ficam radiantes, não ficarão de semblante abatido.

Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o e liberta-o das suas angústias.

O anjo do Senhor protege os que O temem e livra-os do perigo.

Saboreai e vede como o Senhor é bom; feliz o homem que n'Ele confia!

[...]

Os olhos do Senhor estão voltados para os justos e os seus ouvidos estão atentos ao seu clamor.

A ira do Senhor volta-se contra os malfeitores, para apagar da terra a sua memória.

Os justos clamaram e o Senhor atendeu-os e livrou-os das suas angústias.

O Senhor está perto dos corações contritos e salva os espíritos abatidos.

Muitas são as tribulações do justo, mas o Senhor o livra de todas elas.

Ele guarda todos os seus ossos, nem um só será quebrado.

O ímpio há-de perecer na sua maldade; os que odeiam o justo serão castigados.

O Senhor resgata a vida dos seus servos; os que nele confiam não serão condenados.

QUARTA REUNIÃO

A MENSAGEM DE JESUS (2)

“Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (*Lucas 22,27*)

A Palavra de Deus

[Tiago e João tinham pedido a Jesus os primeiros lugares junto d'Ele. Então, Jesus dirige-Se ao grupo dos apóstolos]:

Jesus chamou-os e disse-lhes: "Sabeis como aqueles que são considerados governantes das nações fazem sentir a sua autoridade sobre elas, e como os grandes exercem o seu poder. Não deve ser assim entre vós. Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos. Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos" (Marcos 10,42-45).

"Eu estou no meio de vós como aquele que serve" (Lucas 22,27). É no termo da sua vida, durante a última Ceia, que Jesus pronuncia estas palavras em resposta à discussão dos Apóstolos: eles queriam saber qual deles era o maior.

Que quer o Senhor dizer-nos?

- Na pregação de Jesus, o ensinamento sobre o "serviço" torna-se cada vez mais explícito, nomeadamente através da apresentação que faz do servo bom e fiel. Este servo é o mordomo fiel e sensato que toma iniciativas para o bem da casa do seu senhor (Mt 24,45-47), que gere com inteligência os talentos recebidos em depósito (Mt 25,14-23), que vigia constantemente na expectativa do regresso do dono da casa (Mc 13,34-

36) e que, depois de ter cumprido todos os seus deveres, se mantém humilde e sem pretensões (Lc 17,7-10).

Por outro lado, há todo um ensinamento sobre o serviço no comportamento pessoal de Jesus, que dá o exemplo prático do que significa "servir". Pensemos na compaixão que mostra tantas vezes para com as pessoas em sofrimento que são curadas por Ele. E há o gesto impressionante do lava-pés aos discípulos na última Ceia (Jo 13,3-16).

- Mas o mistério de Jesus que Se proclama "servo" tem uma profundidade que ultrapassa os dados de ordem moral e social.

Damo-nos conta disso ao contemplar Jesus a resistir às tentações no deserto recusando-Se a agir com poder para atingir os seus objectivos (Mt 4,8-10). Mais explicitamente, ouvimos Jesus declarar: "*O mundo tem de saber que Eu amo o Pai e actuo como o Pai me mandou*" (Jo 14,31). E, como vimos, responde aos discípulos que procuram os primeiros lugares: "*Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos*" (Mc 10,45).

É aí que se manifesta profundamente o projecto da salvação da humanidade que é a vontade do Pai, e é assim que se manifesta o papel que o Filho tem nesse projecto. Em Jesus homem, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade esvaziou-Se radicalmente para assumir a condição humana. Nesta posição, o Filho deu-Se sem reservas por amor ao serviço dos homens: "*Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo*" (Jo 13,1). Ele é o Salvador ao partilhar totalmente a condição humana, até às suas consequências mais trágicas, na Cruz.

- Qual é o motivo de fundo que inspira este comportamento de Jesus? A resposta é radical: a missão de Jesus realiza-se porque "*Deus é amor. E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida*" (1 Jo 4,8-9). Jesus vive e age na perfeita comunhão trinitária do Pai, do Filho e do Espírito: "*Se alguém Me tem amor, há-de guardar a minha palavra;*

e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada" (Jo 14,23; cf. 1,18; 3,35; 17,24).

A criação foi o projecto do amor de Deus; Deus não renunciou a esse projecto ao ver o homem pecador desviar-se dele. Pelo contrário, Deus prossegue o seu desígnio de maneira ainda mais determinada, por assim dizer, até Ele próprio Se implicar totalmente para salvar a humanidade através da vida, da morte e da ressurreição do seu Filho.

Não esqueçamos que este plano de Deus, o *mistério* da Redenção, mantém hoje a sua actualidade. Durante a última Ceia, o Senhor quis claramente, antes de consumir o seu sacrifício, deixar-nos o memorial pelo qual Se nos faz presente na Eucaristia em todos os tempos. De facto, na Eucaristia, o Senhor, que é Aquele que "serve", dá-Se, ao mesmo tempo, totalmente ao Pai e totalmente aos homens, seus irmãos.

O Concílio Vaticano II esclarece-nos e mostra-nos a relação entre a participação dos leigos na liturgia e a nossa vida quotidiana: *"O supremo e eterno sacerdote Cristo Jesus, querendo também por meio dos leigos continuar o seu testemunho e serviço, vivifica-o pelo seu Espírito e sem cessar os incita a toda a obra boa e perfeita. E assim, àqueles que intimamente associou à própria vida e missão, concedeu também participação no seu múnus sacerdotal, a fim de que exerçam um culto espiritual, para glória de Deus e salvação dos homens. Por esta razão, os leigos, enquanto consagrados a Cristo e ungidos no Espírito Santo, têm uma vocação admirável e são instruídos para que os frutos do Espírito se multipliquem neles cada vez mais abundantemente. Pois todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cf. 1 Pe 2,5); sacrifícios estes que são piedosamente oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do corpo do Senhor, na celebração da Eucaristia. E deste modo, os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo"*

(Constituição sobre a Igreja *Lúmen gentium*, nº 34).



Questões para mim e para nós

- *Para a oração.* Quando meditamos na pessoa de Jesus e Lhe rezamos, quais são os aspectos que mais nos tocam n'Ele: o taumaturgo, o mestre de vida ou o servo que Se pôs ao nosso serviço a ponto de pôr a sua vida em jogo?
- *Para a regra de vida.* Que uso fazemos do poder, maior ou menor, de que dispomos nas diversas situações concretas relativamente às pessoas que nos são próximas? Que significa para cada um de nós pôr-se ao serviço das pessoas que, directa ou indirectamente, estão ao nosso serviço na vida corrente?
- *E, vice-versa, como nos situarmos na relação de serviço com pessoas de quem dependemos na vida quotidiana? Sofremos essa relação ou vivemo-la em espírito de benevolente disponibilidade?*
- *Para o dever de se sentar.* Em que medida o espírito de serviço caracteriza as nossas relações de casal? Está cada um ao serviço do desabrochar humano e espiritual do outro? Ou cedemos à tentação de fazer prevalecer direitos e de nos fazermos servir?

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Confiemos uns aos outros as nossas reacções à reflexão sobre o serviço segundo o Evangelho, a partir da figura de Jesus Servo.*

- *Ponhamos em comum as nossas formas de considerar o espírito de serviço no casal, na família e, de modo mais alargado, nas relações sociais.*
- *Achamos que a inversão evangélica entre os "primeiros" e os "últimos" se pode realmente praticar?*
- *Quais são os nossos comentários à palavra de Jesus segundo São Paulo: "A felicidade está mais em dar do que em receber" (Act 20,35)?*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

João 13,1-5.12-15

Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar.

Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo Lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-Se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.

[...]

Depois de lhes ter lavado os pés e de ter posto o manto, voltou a sentar-Se à mesa e disse-lhes: "Compreendeis os que vos fiz? Vós chamais-me 'o Mestre' e 'o Senhor', e dizeis bem, porque o sou. Ora, se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós vos deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo mais do que o seu Senhor, nem o enviado mais do que aquele que o envia".

Lucas 12,35-40

[Jesus disse aos seus discípulos:] "Estejam apertados os vossos cintos e acesas as vossas lâmpadas. Sede semelhantes aos homens que esperam o seu senhor ao voltar da boda, para lhe abrirem a porta quando ele chegar e bater. Felizes aqueles servos a quem o senhor, quando vier, encontrar vigilantes! Em verdade vos digo: Vai cingir-se, mandará que se ponham à mesa e há-de servi-los. E, se vier pela meia-noite ou de madrugada, e assim os encontrar, felizes serão eles. Ficai a sabê-lo bem: se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, não teria deixado arrombar a sua casa. Estai preparados, vós também, porque o Filho do Homem chegará na hora em que menos pensais".

Salmo 100(99)

Aclamai o Senhor, terra inteira,
servi ao Senhor com alegria,
vinde à sua presença com cânticos de júbilo!
Sabei que o Senhor é Deus;
foi Ele quem nos criou e nós pertencemos-Lhe,
somos o seu povo e as ovelhas do seu rebanho.
Entraí pelas suas portas em acção de graças;
entraí nos seus átrios com hinos de louvor;
glorificai-o e bendizei o seu nome.
O Senhor é bom!
O seu amor é eterno!
É eterna a sua fidelidade!

QUINTA REUNIÃO

A MENSAGEM DE JESUS (3)

“Rezai, pois assim” (Mateus 6,9)

A Palavra de Deus

Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: Já receberam a sua recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há-de recompensar-te.

Nas vossas orações, não sejais como os gentios, que usam de vãs repetições, porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos. Não façais como eles, porque o vosso Pai celeste sabe do que necessitais antes de vós lho pedirdes.

Rezai, pois, assim:

Pai nosso, que estás no Céu,

santificado seja o teu nome,

venha o teu Reino;

faça-se a tua vontade,

assim na terra como no Céu.

Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia;

perdoa-nos as nossas ofensas,

como nós perdoamos aos que nos ofenderam;

e não nos deixes cair em tentação,

mas livra-nos do mal (Mateus 6,5-13).

Já as primeiras gerações cristãs adoptaram o *Pai-Nosso* como a oração por excelência. É desde então que, "fiéis aos ensinamentos do Salvador, ousamos dizer...".

No *Pai-Nosso*, Jesus ensina-nos uma nova maneira de nos dirigirmos a Deus, chamando-Lhe *Abba!* Pai! Isto põe-nos imediatamente no quadro da nossa filiação divina, com confiança. Nós, os cristãos, somos os únicos a saber claramente que Deus é nosso Pai. Isso não foi revelado nem a Moisés nem aos Profetas, mas recebemos essa revelação do Filho. A cada um de nós pessoalmente o Senhor diz "meu filho!".

Que nos diz o Senhor acerca da oração?

- **Por que devemos rezar?**

O próprio Jesus dá o exemplo da importância da oração. Os quatro evangelistas dizem-nos que Jesus rezava muitas vezes, em especial nos momentos mais importantes. Marcos relata três circunstâncias particulares: no início do seu ministério público (Mc 1,35), depois da multiplicação dos pães (6,46) e no limiar da sua Paixão no Getsémani (14,32). Além disso, Jesus ensina-nos a atitude do cristão na vida quotidiana: mantermo-nos numa relação permanente com Deus, em todas as nossas actividades - no trabalho, nas relações sociais, na vida de família - para darmos um sentido a toda a vida. É assim que entendemos esta palavra de Jesus: "*Sem Mim, nada podeis fazer*" (Jo 15,5). A oração é como uma ponte lançada entre Deus e o homem para estabelecer um diálogo autêntico que transforme toda a vida.

Crentes, rezamos porque estamos conscientes da nossa dependência em relação a Deus. Na humildade, reconhecemos com confiança Aquele que nos deu a vida por amor.

Discípulos de Jesus, acreditamos que o Filho de Deus feito homem está presente no meio de nós e em nós. O cristão acredita que a sua oração é a oração de Jesus nele: Ele reza connosco e em nós.

Sabendo-nos frágeis e pecadores, a oração é-nos indispensável para mantermos a fé e a caridade, para nos mantermos puros e generosos. Se a oração é um dever, é também uma alegria, pois faz-nos entrar num diálogo filial com Deus por Jesus Cristo.

O Catecismo da Igreja Católica diz-nos que a oração é "a elevação da alma para Deus ou o pedido feito a Deus de bens que nos são convenientes" (nº 2559). E ainda: "A oração mental é um dom, uma graça [...] uma relação de aliança estabelecida por Deus no fundo do nosso ser" (nº 2713). "É acção de Deus e do homem" (nº 2564).

- **Como rezar?**

Jesus ensina-nos a rezar e ouve a nossa oração. Convida-nos a fazer de modo a que ela seja:

- **pessoal e íntima.** É preciso que a oração pessoal de cada um de nós, num coração a coração com Deus nosso Pai, tenha lugar no silêncio e no fundo de nós mesmos. Vimos que Jesus nos diz claramente: "*Tu, porém, quando orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê no oculto, há-de recompensar-te*" (Mt 6,6).

Os evangelistas lembram-nos que Jesus Se retirava muitas vezes **para rezar**: "*Mas Ele retirava-Se para lugares solitários e aí Se entregava à oração*" (Lc 5,16). "*Logo que despediu as multidões, subiu a um monte para orar na solidão*" (Mt 14,23). "*De madrugada, ainda escuro, levantou-Se e saiu: foi para um lugar solitário e ali Se pôs em oração*" (Mc 1,35). É verdade que a oração comunitária é necessária e desejável, mas nunca deve abolir o preceito do Senhor de rezar ao Pai no segredo do próprio quarto. É o que nos diz o Concílio Vaticano II: "A participação na sagrada Liturgia não esgota, todavia, a vida espiritual. O cristão, chamado a rezar em comum, deve entrar também no seu quarto para rezar a sós ao Pai, segundo ensina o Apóstolo, deve rezar sem cessar" (Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, nº 12).

- **humilde.** A nossa oração deve ter a simplicidade do filho que fala com o seu Pai. Deve ser humilde como Jesus nos ensina na parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14), ou a exemplo do leproso que Lhe implora: "*Senhor, se quiseres, podes purificar-me*" (Mt 8,2). "*Deus opõe-se aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes*" (Tg 4,6). O cen-

turião, consciente de não pertencer ao povo eleito, pediu muito humildemente a cura do seu servo e, quando Jesus estava a chegar perto da casa dele, "*mandou-Lhe dizer por uns amigos: 'Não te incomodes, Senhor, pois não sou digno de que entres debaixo do meu tecto, pelo que nem me julguei digno de ir ter contigo'*" (Lc 7,6-7).

- o **perseverante**. Nos Evangelhos Jesus ensina, através de numerosas parábolas, a força de uma oração de súplica perseverante. Lucas escreve: "*Disse-lhes uma parábola sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer*" (é a parábola do juiz iníquo e da viúva importuna: Lc 18,1-8). Não faltam no Evangelho exemplos de casos em que a insistência dá os seus frutos. A cananeaia persegue Jesus com os seus gritos: "*Senhor, Filho de David, tem misericórdia de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demónio*". Prostrando-se diante de Jesus, ela implora: "*Socorre-me, Senhor*". E Jesus, louvando a sua fé, ouve-a (Mt 15,21-28). Também os cegos de Jericó redobram os seus gritos: "*Senhor, Filho de David, tem misericórdia de nós!*" (Mt 20,29-34). Quantas vezes nos esquecemos de que Jesus está próximo de nós e de que podemos apelar à sua piedade?
- o **confiante**. Entregando-se à bondade do Senhor, o centurião termina a sua mensagem: "*Mas diz uma só palavra e o meu servo será curado*" (Lc 7,7). Na missa, retomamos estas palavras no momento da comunhão. Jesus chama-nos à confiança: "*Digo-vos, pois: Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e não-de abrir-vos*" (Lc 11,9); "*Tudo quanto pedirdes com fé, na oração, haveis de recebê-lo*" (Mt 21,22; cf. Mc 11,24). Santo Agostinho dá como exemplo da oração confiante, num total abandono entre as mãos de Deus, a oração de Marta quando Jesus chega a Betânia após a morte de Lázaro: "*Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido. Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá*" (Jo 11,21-22).

A oração de súplica é a que se eleva espontaneamente em nós quando, conscientes das nossas limitações e certos de que Deus é nosso Pai, nos voltamos para Ele para pedir aquilo de que necessitamos. O próprio

Jesus, no Getsémani, dirigiu ao Pai uma oração por Si mesmo: "*Abba, Pai, tudo te é possível; afasta de Mim este cálice!*", mas prossegue: "*Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres*" (Mc 14,36). Ele dá-nos aqui a regra de ouro da oração de súplica: em última instância, confiar na vontade de Deus, procurar a vontade de Deus e não a nossa.

Alguns conselhos que podem ser úteis para rezar...

O objectivo da nossa oração é, antes de mais, encontrar Deus. Se precisamos de consolação, esta será uma consequência, mas não a primeira coisa a procurar.

Para rezar, é preciso fazer silêncio, interiormente e à nossa volta. Um bom clima também depende do que vivemos com os outros, da nossa atenção, do nosso reconhecimento, da nossa generosidade em relação aos que nos rodeiam, da reconciliação, se for caso disso.

Não fiquemos abatidos se nos parecer que "Deus não nos ouve" e que as nossas orações de súplica ficam por satisfazer. Talvez tenhamos pedido alguma coisa que, na verdade, não nos convém, mesmo se do nosso ponto de vista não nos damos conta disso. Os "silêncios aparentes" de Deus nunca são ausência de Deus.

Não nos desencorajemos por um período de aparente aridez quando uma oração serena nos parecer verdadeiramente difícil. A perseverança da nossa presença diante de Deus e a sua graça farão o resto.

Ter-nos-emos apercebido de que Jesus sente constantemente a necessidade de Se encontrar a sós com o Pai? Qual é o seu diálogo? O Evangelho é discreto quanto a isso. O que é certo é a comunicação entre o Filho e o Pai, no infinito círculo de amor selado pelo Espírito Santo.

Para dizer a verdade, a nossa oração poderia reduzir-se a dizer a Deus: Pai! ou mesmo Papá!, dando-nos conta de que Ele nos diz: meu filho! e nos convida a partilhar do amor infinito vivido no seio da unidade trinitária.



Questões para mim e para nós

Digamos desde já que este capítulo de um tema de estudo nos leva a perguntas mais numerosas do que é hábito, que mantêm o seu interesse para lá do intervalo entre uma reunião de equipa e a seguinte. Poderemos, com benefício, retomar estas reflexões de tempos a tempos para fazer o ponto da situação pessoalmente e em casal.

- *Temos consciência das condições necessárias à **oração pessoal**, a saber: encontrar a calma, não ter pressas, procurar o silêncio interior - porque não se trata de cumprirmos uma tarefa, mas de nos encontrarmos com Deus?*
- *Nas nossas **orações conjugais**, recomendamos naturalmente os nossos filhos e todos aqueles que nos são próximos, com as suas preocupações e as suas esperanças. O nosso amor de pais leva-nos a dar aos nossos filhos um primeiro lugar na oração. Talvez, às vezes, nos esqueçamos de rezar por nós próprios...*
- *Ousamos fazer silêncio, falar menos e pôr-nos à escuta do Senhor, através da sua Palavra, através do seu Espírito? A nossa oração está em união com a oração de toda a Igreja?*
- *A propósito deste tema, poderíamos orientar a nossa **regra de vida** para o compromisso de um momento diário de oração, talvez como primeira acção do dia. Esse momento de oração poderia consistir em*
 - *agradecer ao Senhor o novo dia,*
 - *oferecer a actividade do dia,*
 - *pedir ajuda para ser capaz de mostrar caridade, em pensamentos, palavras e acções, relativamente a todos aqueles com quem me relaciono,*
 - *pedir a graça de saber dar testemunho da fé e da esperança...*
- *Pensamos que é bom reservar um tempo de oração no sentido de um "exame*

de consciência"? E que, nesse caso, se trata de rezar ao Senhor tanto ou mais do que considerar-nos a nós mesmos? Para isso podemos:

- *dar graças pelos dons recebidos e pedir a luz,*
 - *reflectir nas minhas acções, nos meus desejos, nos meus projectos,*
 - *pedir perdão,*
 - *tomar uma resolução e pedir a graça de lhe ser fiel.*
- *Para o **dever de se sentar**. Onde estamos na nossa oração pessoal e na nossa oração conjugal? Como podemos ajudar-nos um ao outro? Os nossos filhos sabem alguma coisa a respeito da nossa oração, que falamos juntos a Deus nosso Pai? Rezamos em família? Como?*

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Que podemos dizer uns aos outros acerca da nossa experiência de oração e da sua incidência na vida do nosso casal e da nossa família?*
- *Que lugar tem a Palavra de Deus na nossa oração? Rezamos, como Jesus, com os salmos? Como meditamos uma passagem do Evangelho?*
- *A oração de súplica é a mais espontânea, e Jesus encoraja-nos a ela. Que outras atitudes de oração nos são familiares?*
- *Somos felizes por rezar?*

- *Podemos dizer uns aos outros como procuramos viver os nossos dias sem esquecer a presença de Deus: por exemplo, se praticamos orações vocais repetitivas, como o terço, nos transportes; se temos um pensamento, ainda que breve, ao passar diante de uma igreja, onde se encontra a presença real; se fazemos breves invocações retomadas durante o dia; se voltamos a determinada palavra do Evangelho, como sejam as palavras das pessoas que imploram o socorro de Jesus (os cegos de Jericó, etc.).*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

Salmo 23(22)

Lembre-mo-nos de que Jesus rezou os salmos. A imagem do Pastor, que já vem do Antigo Testamento, aplica-se a Jesus Bom Pastor

O Senhor é meu pastor: nada me falta.

Em verdes prados me faz descansar

e conduz-me às águas refrescantes.

Reconforta a minha alma e guia-me por caminhos rectos, por amor do
seu nome.

Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo porque
Tu estás comigo.

A tua vara e o teu cajado dão-me confiança.

Preparas a mesa para mim à vista dos meus inimigos;

ungiste com óleo a minha cabeça;

a minha taça transbordou.

Na verdade, a tua bondade e o teu amor hão-de acompanhar-me todos os
dias da minha vida,

e habitarei na casa do Senhor
para todo o sempre.

João 17,17-26.

São João revela-nos alguma coisa da oração de Jesus, na véspera da sua paixão. Jesus reza por todos "aqueles que o Pai Lhe deu"

[Pai Santo] Faz que eles sejam teus inteiramente, por meio da Verdade; a Verdade é a tua palavra. Assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo, e por eles totalmente me entrego, para que também eles fiquem a ser teus inteiramente, por meio da Verdade.

Não rogo só por eles, mas também por aqueles que hão-de crer em mim, por meio da tua palavra, para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu Me enviaste. Eu dei-lhes a glória que Tu Me deste, de modo que sejam um, como Nós somos Um. Eu neles e Tu em Mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu Me enviaste e que os amaste a eles como a Mim.

Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu Me confiaste, para que contemplem a minha glória, a glória que Me deste, por Me teres amado antes da criação do mundo.

Pai justo, o mundo não Te conheceu, mas Eu conheci-Te e estes reconheceram que Tu Me enviaste. Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-Te a conhecer, a fim de que o amor que Me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também.

ANEXO

Notas sobre o Pai Nosso

Detemo-nos agora nos pedidos compreendidos na oração dominical, que se situa no Discurso da Montanha, onde o Evangelho relata os ensinamentos de Jesus em muitos aspectos da vida do cristão, a começar pelas *Bem-aventuranças*. A seguir, convida a observar a Lei com a maior exigência de justiça na vida fraterna, na esmola, no jejum e na oração.

- **Pai nosso.** Por esta invocação inicial, Jesus ensina-nos uma atitude fundamental: situar-nos diante de Deus como filhos em relação ao seu pai, com respeito, veneração, reconhecimento, amor. O próprio Jesus, durante a sua vida terrena, dirigia-Se ao Pai com um afecto filial. Mas não nos esqueçamos de que rezamos ao "nosso" Pai e de que toda a oração se exprime no plural: *nós*. Desta forma, Jesus, que nos convida a retirar-nos para o segredo para rezar, diz-nos que a oração, mesmo sendo pessoal, nunca é a oração de uma pessoa isolada. Os outros estão de alguma maneira presentes na nossa oração, que se junta à de todos os justos que rezam. As duas palavras da invocação inicial significam que rezamos por todos os homens, mesmo por aqueles que não rezam porque não querem ou não sabem rezar. Por eles e por todos, damos graças por tudo o que de bom é dado à humanidade e intercedemos pelos que precisam mais, em especial pelos que nos são mais próximos. E, através da solidariedade da comunhão dos santos, cada um de nós está associado à oração de todos aqueles que se voltam para o nosso Pai.
- **Santificado seja o vosso nome.** Rezamos para que Deus seja conhecido, amado e honrado por todos, em particular por nós próprios. Podemos servir a glória de Deus se nos voltarmos para Ele com todo o nosso ser, com os nossos pensamentos, o nosso amor, as nossas acções.
- **Venha a nós o vosso Reino.** Rezamos para que Deus *reine* em nós pela sua graça de santidade, para que nos mantenha unidos a Ele pela fé, pela esperança e pela caridade, para que Ele penetre o nosso coração e a nossa vontade. Rezamos para que a Igreja seja já manifestação do Reino de Deus em toda a humanidade. Rezamos para que todos sejamos reunidos, na consumação dos séculos, para a bem-aventurança eterna.
- **Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.** Expressimos o nosso desejo de aceitar plenamente a vontade de Deus, confiantes na sua bondade misericordiosa. Ao mesmo tempo, manifestamos o nosso desejo de fazer a sua vontade no nosso mundo, tal como a fazem no

céu os anjos e os santos. Seguimos aqui a atitude exemplar da Virgem Maria na Anunciação: "*Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*" (Lc 1,38).

- **O pão nosso de cada dia nos dai hoje.** Este pedido é o primeiro que se orienta para as nossas próprias necessidades. Não esperamos a riqueza, mas aquilo de que precisamos dia após dia. Recebemos do dom de Deus o necessário para viver, sem angústias pelo dia de amanhã (cf. Mt 6,25-34). Muita gente, sobretudo quando esta oração é dita na Missa, pensa no Pão da vida, no dom vital da Eucaristia.
- **Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.** Quando rezamos, não podemos deixar de nos reconhecer pecadores e pedir o perdão de Deus. Mas como poderemos fazê-lo se não procurarmos nós próprios praticar o perdão? Lembremos o apelo de Jesus à reconciliação fraterna antes de apresentarmos a nossa oferta sobre o altar (Mt 5,23-24). Conhecemos a resposta a Pedro que O interrogava sobre o número de vezes que devia perdoar: "*até setenta vezes sete*". A parábola do servo mau que se lhe segue também esclarece esta questão (Mt 18,21-35).
- **E não nos deixeis cair em tentação.** Reconhecemos a nossa fraqueza: somos seres vulneráveis diante das múltiplas tentações presentes na nossa vida. Pedimos o auxílio de Deus para que não nos falte a coragem de nos mantermos fiéis à sua vontade nas escolhas quotidianas.
- **Mas livrai-nos do mal.** Numa palavra, exprimimos aqui a nossa esperança de sermos libertos, com a ajuda de Deus, de tudo o que possa ser mau em nós e para nós, a fim de nos tornarmos dignos da nossa condição de filhos de Deus.

SEXTA REUNIÃO

A MENSAGEM DE JESUS (4)

“Prefiro a misericórdia ao sacrifício” (Mateus 12,7)

A Palavra de Deus

Partindo dali, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado no posto de cobrança, e disse-lhe: "Segue-Me!". E ele levantou-se e seguiu-O.

Encontrando-Se Jesus à mesa em sua casa, numerosos cobradores de impostos e outros pecadores vieram e sentaram-se com Ele e seus discípulos. Os fariseus, vendo isto, diziam aos discípulos: "Por que é que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e os pecadores?". Jesus ouviu-os e respondeu-lhes: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores" (Mateus 9,9-13).

Em certa ocasião, Jesus passava, num dia de sábado, através das searas. Os seus discípulos, que tinham fome, começaram a arrancar espigas e a comê-las. Ao verem isso, os fariseus disseram-lhe: "Aí estão os teus discípulos a fazer o que não é permitido ao sábado!". Mas Ele respondeu-lhes: "Não lestes o que fez David, quando sentiu fome, ele e os que estavam com ele? Como entrou na casa de Deus e comeu os pães da oferenda, que não lhe era permitido comer, nem aos que estavam com ele, mas unicamente aos sacerdotes? E nunca lestes na Lei que, ao sábado, no templo, os sacerdotes violam o sábado e ficam sem culpa? Ora, Eu digo-vos que aqui está quem é maior que o templo. E, se compreendêsseis o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício, não teríeis condenado estes que não têm culpa. O Filho do Homem até do sábado é Senhor" (Mateus 12,1-8).

Jesus conhecia a Lei, a Escritura e o coração humano. Nas passagens que acabámos de ler, cita duas vezes uma palavra do profeta Oseias (6,6). No nosso primeiro texto, Jesus responde aos seus detractores remetendo-os firmemente para a palavra do profeta: Ide aprender o que significa... Na segunda passagem, Jesus argumenta com os fariseus segundo o método destes últimos: invoca o exemplo de David, que não pode ser contestado. E assim desmascara a sua atitude ritualista, a sua interpretação da Lei à letra mas não no seu espírito.

Primeiras Observações

Para reflectirmos neste aspecto da mensagem de Cristo, é essencial captar o sentido dessas palavras importantes que são misericórdia e sacrifício.

Misericórdia. Se formos ao livro de Oseias, podemos ver o versículo citado traduzido assim: "*Porque é amor que eu quero e não sacrificios*". Não é de admirar: em Deus o amor é ternura bondosa, fiel, que também se pode entender pela palavra *misericórdia*. Segundo Deus, a misericórdia é qualidade de coração. E também uma bondade consciente, querida, que é exercida para com o povo eleito, como nestas palavras do Êxodo: "*Ó Senhor! Ó Senhor! Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade, que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado...*" (34,6-7). Deus não vai ignorar o pecado, mas a sua ternura misericordiosa está pronta para o perdão. Lemos no Deuteronomio: "*O Senhor, teu Deus, é um Deus misericordioso, não te abandonará, não te destruirá, e não se esquecerá da aliança que jurou aos teus pais*" (4,31). Em suma, a misericórdia é um atributo de Deus.

Será necessário acrescentar que os homens que beneficiam da misericórdia são chamados a viver fraternalmente?

Estas evocações do Antigo Testamento ajudar-nos-ão a captar a mensagem de Jesus. Para Ele, a misericórdia ganha a sua plena dimensão de compaixão enternecida diante dos doentes e dos pecadores. Ele anuncia a plenitude

da misericórdia divina, que irá até ao perdão: pensemos na parábola do filho pródigo (Lucas 15).

Sacrifício. Este termo é pouco frequente no Novo Testamento (excepto na Carta aos Hebreus), sem dúvida porque remetia demasiado para as práticas rituais tantas vezes criticadas pelos profetas, que denunciavam comportamentos exteriores sem piedade real e sem verdadeira generosidade, como na nossa citação de Oseias. Pode-se, sem se comprometer demasiado, sacrificar bens numa atitude interesseira: dou para que me concedas o que desejo!

A etimologia do termo derivado do latim diz: *sacrum facere*, ou seja, tornar sagrado, tornar santo. Mas que é que se faz santo? As oferendas (animais, os primeiros frutos das colheitas, etc.), bens materiais ou satisfações sensíveis de que uma pessoa se priva, mas também acções como as da caridade fraterna. Na origem de toda a oferenda está o amor do ser que se entrega a Deus, que dá glória a Deus, que celebra a beleza e a grandeza de Deus, que agradece a própria vida que lhe é dada, que acolhe humildemente o perdão do seu pecado... Santo Agostinho definiu assim o sacrifício: "É um verdadeiro sacrifício o acto realizado para se unir a Deus na santa Comunhão e poder ser feliz" (A Cidade de Deus, Livro X, VI).

Que quer o Senhor dizer-nos?

Na montanha, quando ensina uma nova leitura da Lei, isto é, o seu cumprimento, Jesus começa pelas bem-aventuranças: "*Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*" (Mt 5,7). Leva mais longe as exigências, como a do amor aos inimigos. E conclui dizendo: "*Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste*" (Mt 5,48), e, segundo São Lucas: "*Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*" (6,36).

Mas, como sempre, a mensagem do Evangelho não se limita a um ensinamento por palavras. Jesus realiza na sua pessoa e na sua acção a mensagem da misericórdia: logo no início do seu ministério público, na sinagoga de

Jerusalém, retoma as promessas de Isaías: "*O Espírito do Senhor está sobre mim [...] para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos [...] Cumpriu-se hoje esta palavra da Escritura, que acabais de ouvir*" (Lc 4,18-22).

Ao longo da sua vida, Jesus mostra compaixão pelos doentes, pelos rejeitados ou condenados; cura e consola. Manifesta a presença de Deus, como na parábola do joio (Mt 13,24-30). Manifesta o poder da misericórdia divina pelo perdão, mais profundo do que a cura física (cf. o paralítico de Cafarnaúm, Mc 2,1-12, ou a mulher adúltera, Jo 8,1-11). Na cruz, Jesus não só perdoa ao bom ladrão (Lc 23,43) como também reza por aqueles que O condenaram: "*Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem*" (Lc 23,34). Em Jesus, a misericórdia manifesta-se ao mais alto grau pelo dom total da sua pessoa, pelo seu sacrifício consumado na cruz. Como se dizia atrás, o próprio termo 'sacrifício' quase não aparece neste contexto. Mas o sacrifício é real porque Jesus Se entrega ao Pai pelos seus irmãos, num acto de amor deliberado. Ele é o bom pastor: "*Ofereço a minha vida pelas ovelhas [...] e haverá um só rebanho*" (Jo 10,11-16). Ao aproximar-se a paixão, reza assim: "*Eu vou para Ti. Pai santo, [...] guarda-os em Ti, para serem um só, como Nós somos! [...] e por eles totalmente Me entrego, para que também eles fiquem a ser teus inteiramente, por meio da Verdade*" (Jo 17,11-19). No momento de consumir o seu sacrifício, Jesus diz: "*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*" (Lc 23,46).

O sacrifício é dom ao Pai e oferenda pelos irmãos. Ao instituir a Eucaristia, Jesus mostrou que o seu sacrifício era a expressão suprema da misericórdia por toda a humanidade pela qual Ele Se entrega. "*Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós [...] Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós*" (Lc 22,19-20).

Jesus precede-nos e realiza em Si mesmo o que disse aos seus discípulos: "*Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos*" (Jo 15,13). Baptizados que somos, estamos intimamente ligados a Cristo que deu a sua vida por nós. São Paulo, na Carta aos Romanos, afirma com veemência: "*Se estamos integrados n'Ele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição*" (Rm 6,5).

Paulo pode, então, apelar à nossa própria oferenda: "*Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus*" (Rm 12,1). O discípulo não é maior do que o mestre (Lc 6,40). Nós não podemos contemplar o dom de Deus e receber os seus benefícios sem sermos, por nossa vez, chamados a oferecer-nos com Ele e graças a Ele, a "*oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo*" (1 Pe 2,5). No seu martírio, o diácono Estêvão segue Jesus até ao fim: "*Enquanto o apedrejavam, Estêvão orava, dizendo: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito"*". Depois, posto de joelhos, bradou com voz forte: "*Senhor, não lhes atribuas este pecado*". Dito isto, adormeceu" (Act 7,59-60).



Questões para mim e para nós

A análise precedente é propositadamente esquemática. Cada um poderá enriquecê-la numa leitura pessoal do Evangelho e responder às sugestões apresentadas aqui:

- **Para a oração pessoal e em casal.** *Conscientes das nossas fraquezas, pedimos ao Senhor que nos ajude a praticar a misericórdia, num acolhimento sincero e benevolente do outro - cônjuge, filho, pai ou vizinho -, como irmão em Cristo.*
Como é que a nossa oração compreende a oferenda de nós próprios a Deus, no seguimento de Jesus?
- **Para a regra de vida.** *Ofereci sem reservas ao Senhor a minha actividade, as minhas alegrias e as minhas tristezas? Ousaria tomar como regra de vida a palavra de São Paulo: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai" (Cl 3,17)?*
Que fiz hoje ou esta semana pelos meus irmãos de maneira desinteressada?

- *Para o **dever de se sentar**. Tendo contemplado Cristo misericordioso que Se entrega totalmente por amor, como podemos concretizar a misericórdia e o sacrifício-oferenda na nossa vida de casal? Aceitamos lembrar um ao outro estas atitudes evangélicas?*

Reflectamos no sacramento do nosso matrimónio, esse dom recíproco, com os dons misericordiosos de Cristo em todas as etapas da nossa vida em comum.

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Poderíamos confiar à equipa alguns aspectos da nossa reflexão em casal.*
- *Como reagimos à atitude do pai na parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32) ou ainda à parábola dos trabalhadores da vinha, em que todos recebem por igual (Mt 20,1-16)?*
- *A misericórdia tem lugar na vida de família, na vida profissional e na vida pública? Poder-se-á falar de gratuidade a este respeito?*
- *Relativamente ao que o Evangelho nos revela de Cristo, que sentido damos ao sacrifício na vida espiritual e na vida quotidiana?*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

Lucas 10,30-37

[Ao doutor da Lei que Lhe perguntava quem era o seu próximo] Jesus respondeu: "Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: "Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar". Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?". Respondeu: "O que usou de misericórdia para com ele". Jesus retorquiu: "Vai e faz tu também o mesmo".

Mateus 18,21-22

Pedro aproximou-se e perguntou a Jesus: "Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?". Jesus respondeu: "Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete".

Primeira Carta de São João 3,16-20

Foi com isto que ficámos a conhecer o amor: Ele, Jesus, deu a vida por nós; assim também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos. Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele? Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade. Por isto conheceremos que somos da verdade

e, na sua presença, sentir-se-á tranquilo o nosso coração, mesmo quando o coração nos acuse; pois Deus é maior que o nosso coração e conhece tudo.

Salmo 50(49) - *alguns versículos*

O Senhor, Deus dos deuses, falou e convocou os habitantes da terra.

"Reuni junto a Mim os que Me são fiéis,
os que selaram a minha aliança com um sacrifício".

Oferece a Deus um sacrifício de louvor
e cumpre as promessas feitas ao Altíssimo.

Invoca-Me no dia da tribulação;
Eu te livrarei e tu Me glorificarás.

Honra-Me quem oferece o sacrifício de louvor;
a quem anda por este caminho
farei participar da salvação de Deus".

SÉTIMA REUNIÃO

A PÁSCOA DE JESUS

“Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia”

(Símbolo niceno-constantinopolitano)

A Palavra de Deus

Quando chegaram ao lugar chamado Calvário crucificaram-n'O a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: "Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem". Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes.

Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Dito isto, expirou. Ao ver o que se passava, o centurião deu glória a Deus, dizendo: "Verdadeiramente, este homem era justo!". [...] Todos os seus conhecidos e as mulheres que O tinham acompanhado desde a Galileia mantinham-se à distância, observando estas coisas. [...] José de Arimateia] foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Descendo-o da cruz, envolveu-o num lençol e depositou-o num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Era o dia da Preparação e já começava o sábado. Entretanto, as mulheres que tinham vindo com Ele da Galileia acompanharam José, observaram o túmulo e viram como o corpo de Jesus fora depositado. [...]

No primeiro dia da semana, ao romper da alva, as mulheres foram ao sepulcro, levando os perfumes que haviam preparado. Encontraram removida a pedra da porta do túmulo e, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Estando elas perplexas com o caso, apareceram-lhes dois homens em trajes resplandecentes. Como estivessem amedrontadas e voltassem o rosto para o chão, eles disseram-

lhes: "Por que buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui; ressuscitou! Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia, dizendo que o Filho do Homem havia de ser entregue às mãos dos pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia". Recordaram-se, então, das suas palavras (Lucas 23,33-55; 24,1-8).

Primeiras Observações

A morte e a ressurreição de Jesus são, evidentemente, o ponto alto da sua vida e da sua missão. Por amor por nós, Ele fez-Se homem, morreu na cruz e ressuscitou de entre os mortos.

- Jesus foi condenado pelas autoridades religiosas por Se ter declarado Filho de Deus (cf. Lc 22,70-71) e pelas autoridades romanas por motivos políticos: era acusado de Se dizer "Rei Messias". O sofrimento de Jesus foi de ordem espiritual e física: não foi compreendido, foi rejeitado pelo seu povo e entregue às mãos dos pagãos, entre os malfeitores; dois deles serão crucificados com Ele. Será abandonado pelos seus, excepto por um pequeno grupo: João e algumas mulheres fiéis com sua Mãe. Será posto a ridículo. A tudo isto junta-se um intenso sofrimento físico, a partir da agonia em que a angústia O oprime.

Jesus, que sofre uma condenação injusta, permanece totalmente animado pelo amor ao Pai e pelo amor aos homens: disto são testemunha as suas palavras de perdão e de reconciliação relativamente àqueles que O martirizam. Põe-Se completamente nas mãos do Pai, mesmo quando conhece a angústia do abandono: *Meu Deus, por que Me abandonaste?*

- Jesus, verdadeiro homem, partilha a nossa condição até ao fim, mas, totalmente inocente, "Ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado" (Heb 4,15).
- É a Ressurreição que dá todo o sentido à Paixão de Jesus. Os Apóstolos lançaram-se na pregação logo no primeiro momento como testemunhas

da Ressurreição. Seria conveniente reler os discursos de Pedro nos Actos dos Apóstolos. Paulo inscreve-se no seu seguimento quando escreve aos coríntios (cerca do ano 54): "Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas..." (1 Cor 15,3-5).

- Não nos esqueçamos de que a ressurreição de Jesus não é da mesma ordem que o regresso à vida da filha de Jairo ou de Lázaro, que voltaram à vida normal. Jesus vai para o Pai (cf. Jo 14,12). A ressurreição gloriosa de Jesus fá-l'O entrar na vida nova e eterna do Reino; a sua humanidade é liberta dos limites do tempo da nossa história e do espaço onde nos situamos, é transfigurada. "O corpo de Cristo é, na Ressurreição, cheio do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado da sua glória, de tal modo que São Paulo pode dizer de Cristo que Ele é "Adão celeste" (cf. 1 Cor 15,35-50)" (Catecismo da Igreja Católica, nº 646).
- É verdade que a realidade da ressurreição não foi imediatamente admitida pelos próprios discípulos e que ela se confronta hoje, muitas vezes, com o cepticismo. O Evangelho fala-nos das dúvidas dos primeiros discípulos. Foi preciso que Jesus lhes desse sinais claros da sua identidade. As suas manifestações não vão explicar nem descrever a ressurreição. Esta é da ordem da fé, está no centro do mistério pascal.
- Jesus mantém-se fiel a nós e prepara a reunião dos seus irmãos na comunhão da "casa do Pai". "Quando Eu tiver partido e vos tiver preparado lugar, virei novamente e hei-de levar-vos para junto de Mim, a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também" (Jo 14,3).

Que quer o Senhor dizer-nos?

- A Paixão de Jesus **revela-nos o amor infinito de Deus**. O próprio Jesus, segundo São João, diz-nos o sentido do amor salvador: "Tanto amou

Deus o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que crê n'Ele não se perca, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16). Jesus anunciou a fecundidade da prova suprema da morte através da imagem do grão de trigo lançado à terra: "se morrer, dá muito fruto" (Jo 12,24).

O dom total de Cristo chama-nos a **darmo-nos também**, em especial no amor dos esposos. O Padre Caffarel teve, a este propósito, palavras decisivas: "O acto pelo qual Jesus Se ofereceu de uma vez por todas no Calvário exprimia o seu profundo estado de alma, a essência da sua vida interior, o seu dom ao Pai, alegre e permanente, sempre actual. Se Cristo renova este acto na missa, se vos convoca a participarem nele, é porque quer que o seu sacrifício penetre até às profundezas carnis e espirituais do vosso casal, a fim de criar também em vós um permanente estado de alma de oferenda ao Pai. Melhor: para que Lhe permitais reviver o seu sacrifício no vosso casal. Assim, como vedes, o sacrifício de Cristo não deve ficar exterior a vós; deve antes tornar-se-vos interior; a oferenda que dele fazeis deve ser não um acto transitório mas uma disposição habitual, uma vida" (*L'Anneau d'Or*, "Le Mariage route vers Dieu" - O matrimónio, caminho para Deus -, 1964, p. 261).

- A Paixão de Jesus convida-nos a **reflectir no sentido do sofrimento**, tantas vezes inocente. João Paulo II mostrou que a Paixão de Cristo é o maior exemplo do sofrimento inocente, o que já o livro de Job anunciava: "A revelação, palavra do próprio Deus, põe o problema do sofrimento do homem inocente com toda a clareza: o sofrimento sem culpa. Job não foi castigado; não havia razão para lhe ser infligida uma pena, não obstante ter sido submetido a uma duríssima prova" (João Paulo II, carta apostólica? *Salvifici doloris* sobre o sentido cristão?do sofrimento humano, nº 11).

A partir da Paixão de Cristo, o sofrimento humano muda radicalmente de sentido. Na cruz de Jesus, não só se realiza a redenção humana pelo dom de Si até ao sofrimento como também o próprio sofrimento humano já não tem o mesmo sentido negativo e torna-se capaz de se unir ao de Cristo. São Paulo exprimiu isto de forma veemente: "Alegro-me

nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu corpo, que é a Igreja" (Cl 1,24). É certo que não temos que compensar uma falta naquilo que Cristo deu: o que falta é a solidariedade de toda a família humana na oferenda de amor total. Não temos que procurar o sofrimento, mas, quando temos que o experimentar, é dessa forma que nos é dado participar no mistério da redenção.

Não devemos isolar a reflexão sobre a morte de Cristo e o sofrimento humano da perspectiva de vida que Ele nos abre. Chiara Lubich disse, e muito bem: "Ao levarmos a cruz de cada dia e ao unirmo-nos a Cristo crucificado e abandonado, podemos participar, desde já, na vida do Ressuscitado. Enriquecidos por esta experiência, podemos ajudar mais eficazmente todos os nossos irmãos a encontrarem a alegria para lá das lágrimas".

- Lembremos alguns pontos chave nas manifestações do Ressuscitado: com o dom do Espírito Santo, Ele transmite aos seus discípulos o poder de conceder o perdão de Deus (cf. Jo 20,19-23); envia-os em missão para anunciar a boa nova da salvação (cf. Mt 28,19-20); pede a Pedro que lhe declare repetidamente o seu amor e chama-o a "apascentar as suas ovelhas", a conduzir a Igreja (cf. Jo 21,15-17). Evocados de forma breve, estes elementos podem levar-nos a reflectir na nossa relação com Cristo ressuscitado, conscientes da sua promessa: "Sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28,20).



Questões para mim e para nós

Para a oração

- *Demos graças pelo amor de Jesus, que nos amou até ao fim.*

- *Peçamos-Lhe que nos faça sempre mais generosos no dom de nós próprios. Peçamos a graça de O amarmos de todo o coração, de amarmos os outros como Ele nos ama, de O testemunhar pela nossa maneira de viver.*
- *Peçamos força para aceitar as provações, grandes ou menos pesadas, e para oferecer as nossas dificuldades em união com Jesus. Peçamos-Lhe que nos ajude a levar as "cruzes" do nosso cônjuge, dos nossos filhos, dos que nos rodeiam, e peçamos-Lhe para não sermos "cruz" para os outros.*
- *Temos consciência, na oração, de estarmos na presença do Ressuscitado, vivo e presente para todo o sempre?*
- *Reflectamos no lugar da Eucaristia na nossa vida de oração. A presença real é para nós o lugar do encontro vivo com Cristo, que nos ama a ponto de nos dar a sua vida em alimento?*

Para a Regra de Vida

- *Temos algum esforço a fazer para perdoar como Cristo perdoa?*
- *Diante de Cristo que entrega a sua vida para a remissão dos pecados, fazemos regularmente um exame de consciência? Fazemo-lo com confiança, dando graças pelo amor misericordioso do Senhor? Deveremos renovar a nossa prática do sacramento da penitência e da reconciliação?*
- *Cristo ressuscitado encarrega os seus discípulos de anunciarem o Evangelho. Como somos testemunhas dele?*

Para o Dever de Se Sentar

- *Reflectimos e rezámos em união com Cristo ressuscitado. Não será ocasião de fazer o ponto da situação relativamente à nossa oração conjugal, à forma como acolhemos a Palavra de Cristo vivo?*

- *Quando experimentamos provações na vida de casal e de família, encontramos verdadeiramente apoio em Cristo morto por nós e ressuscitado por nós?*
- *O sacramento do matrimónio consagra o dom de cada um de nós ao outro. O nosso dom está ainda vivo?*
- *Temos consciência de encontrar em Cristo Aquele que nos conduz pelos caminhos da vida, Aquele que enriquece o nosso amor?*

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Sem ultrapassar os limites da nossa intimidade, partilhemos o que pudermos comunicar à equipa sobre a nossa oração, as nossas trocas de impressões em casal.*
- *Reflectamos juntos na maneira de sermos solidários com o sofrimento e as provações que conhecemos à nossa volta, e também por esse mundo fora.*
- *Como poderemos ser testemunhas de Cristo junto daqueles que nos rodeiam, na sociedade em que vivemos?*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

Salmo 22(21) - excertos

[Note-se que este salmo, em que se reconhece o próprio Cristo, é a oração de um homem que sofre e que está abandonado. Mas, a seguir, o salmo orienta-nos também para a resposta a dar ao sofrimento na confiança no Deus fiel.]

Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste,
rejeitando o meu lamento, o meu grito de socorro?
Meu Deus, clamo por Ti durante o dia e não me respondes;
durante a noite, e não tenho sossego.
Em Ti confiaram os nossos pais;
confiaram e Tu os libertaste.

Eu, porém, sou um verme e não um homem,
o opróbrio dos homens e o desprezo da plebe.
Todos os que me vêem escarnecem de mim;
estendem os lábios e abanam a cabeça.
"Confiou no Senhor, Ele que o livre;
Ele que o salve, já que é seu amigo".

Não te afastes de mim, porque estou atribulado
e não há quem me ajude.
Fui derramado como água;
e todos os meus ossos se desconjuntaram;
o meu coração tornou-se como cera
e derreteu-se dentro do meu peito.

Mas Tu, Senhor, não Te afastes de mim!
És o meu auxílio: vem socorrer-me depressa!

Então anunciarei o teu nome aos meus irmãos
e Te louvarei no meio da assembleia.
Vós, que temeis o Senhor, louvai-O!
Glorificai-O, descendentes de Jacob!
Reverenciai-O, descendentes de Israel!
Pois Ele não desprezou
nem desdenhou a aflição do pobre,
nem desviou dele a sua face;
mas ouviu-o, quando Lhe pediu socorro.

Uma nova geração O servirá
e narrará aos vindouros as maravilhas do Senhor;
ao povo que vai nascer dará a conhecer a sua justiça, contará o que Ele fez.

João 20,24-29

Tomé, um dos Doze, a quem chamavam o Gémeo, não estava com eles quando Jesus veio. Diziam-lhe os outros discípulos: "Vimos o Senhor!". Mas ele respondeu-lhes: "Se eu não vir o sinal dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo nesse sinal dos pregos e a minha mão no seu peito, não acredito". Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez dentro de casa e Tomé com eles. Estando as portas fechadas, Jesus veio, pôs-Se no meio deles e disse: "A paz seja convosco!". Depois dirigiu-Se a Tomé: "Olha as minhas mãos: chega cá o teu dedo! Estende a tua mão e põe-na no meu peito. E não sejas incrédulo, mas fiel". Tomé respondeu-lhe: "Meu senhor e meu Deus!". Disse-lhe Jesus: "Porque me viste, acreditaste. Felizes os que crêem sem terem visto!".

Carta aos Colossenses 1,12-23

Dai graças ao Pai que vos tornou capazes de tomar parte na herança dos santos da luz. Foi Ele que nos libertou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do seu amado Filho, no qual temos a redenção, o perdão dos pecados.

É Ele a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi n'Ele que todas as coisas foram criadas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, os Tronos e as Dominações, os Poderes e as Autoridades, todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele. Ele é anterior a todas as coisas e todas elas subsistem n'Ele. É Ele a cabeça do Corpo, que é a Igreja. É Ele o princípio, o primogénito de entre os mortos, para ser Ele o primeiro em tudo; porque foi n'Ele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua cruz, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus. Também a vós, que outrora andáveis afastados e éreis inimigos, com sentimentos expressos em acções perversas, agora Cristo reconciliou-vos no seu corpo carnal, pela sua morte, para vos apresentar santos, imaculados e irrepreensíveis diante d'Ele, desde que permaneçais sólidos e formes na fé, sem vos deixardes afastar da esperança do Evangelho que ouvistes; ele foi anunciado a toda a criatura que há debaixo do céu e foi dele que eu, Paulo, me tornei servidor.

OITAVA REUNIÃO

JESUS PRESENTE NA SUA IGREJA

**“Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome,
Eu estou no meio deles” (Mateus 18,20)**

A Palavra de Deus

Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando O viram, adoraram-n'O; alguns, no entanto, ainda duvidavam. Aproximando-Se deles, Jesus disse-lhes: "Foi-Me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mateus 28,16-20).

O cálice de bênção, que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão (1 Coríntios 10,16-17).

Primeiras Observações

Jesus ressuscitado tranquiliza os seus discípulos: a sua presença continua no meio deles até ao fim dos tempos. São Paulo, fundador de numerosas comunidades, lembra o fundamento da unidade que existe entre todas elas: a comunhão no mesmo corpo de Cristo.

A promessa da presença do Ressuscitado está ligada ao preceito de baptizar

todos os povos, ou seja, de fazer a Igreja viver. É evidente que a vontade do Senhor é, acima de tudo, realizar na Igreja a sua presença no mundo e na história.

Para os crentes e para os não crentes, o sentido corrente da palavra "igreja" designa os inúmeros grupos locais (paróquias, comunidades e grupos diversos) em que milhões de homens e de mulheres partilham as mesmas práticas religiosas e reconhecem a autoridade dos seus bispos e do Sumo Pontífice de Roma.

Mas se esta é a dimensão visível e institucional da Igreja, o crente também sabe que ela engloba em profundidade uma dimensão espiritual que dá à Igreja a sua verdadeira identidade. É a este nível de profundidade que a presença do Senhor se torna história dos homens e realidade concreta do corpo animado pela sua cabeça, que é Cristo vivo.

Que nos dizem as Escrituras acerca da presença de Jesus na Igreja

Na sua vida terrena - como os Evangelhos o atestam - Jesus tinha anunciado que, quando dois ou três se reunissem em seu nome, Ele estaria no meio deles (Mt 28,20). Ficará unido a eles como Ele está no Pai (Jo 14,20), porque com o Pai virá habitar com aqueles que O amam e guardam a sua palavra (Jo 14,23).

No mesmo contexto das conversas de Jesus com os seus discípulos na véspera da sua Paixão, o Evangelho de João relata outras palavras que aprofundam a natureza íntima das relações dos crentes com Ele. Ele toma a imagem da videira e dos ramos: assim como os ramos estão intimamente ligados à videira e dela recebem a seiva que lhes permite dar fruto, assim os crentes estão intimamente unidos ao Senhor, de quem recebem sem cessar a vida e a capacidade de dar bons frutos (cf. Jo 15,1-8).

Depois da ressurreição do Senhor, os Apóstolos, iluminados pelo Espírito Santo, começaram a reunir os crentes e a partilhar com eles a Eucaristia (Act 2,42-47). Lembram-se da promessa de Jesus: "Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue fica a morar em Mim e Eu nele" (Jo 6,56).

A Igreja toma, então, corpo em múltiplas comunidades, nas quais se aprofunda a reflexão sobre a natureza íntima da Igreja e o lugar do Senhor no seu centro.

O Apóstolo Paulo foi um dos grandes protagonistas desse aprofundamento. Nas suas cartas, volta muitas vezes ao tema da união íntima de Cristo de da Igreja. Todos os homens são chamados a fazer parte da Igreja (Ef 3,6), que tem uma vocação universal. É o Corpo de Cristo e a sua plena realização (Ef 1,22-23). É por isso que os cristãos, chamados por Deus à comunhão com o seu Filho (1 Cor 1,9), formam um só corpo (1 Cor 12,12-13). "Os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo, mas, individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros" (Rm 12,5; cf. 1 Cor 12,27). Cristo é a cabeça desse corpo (Cl 1,18) e cuida de cada um dos seus membros (Ef 5,29-30). É a partir d'Ele que "o Corpo inteiro, bem ajustado e unido, por meio de toda a espécie de juntas que o sustentam, segundo uma força à medida de cada uma das partes, realiza o seu crescimento como Corpo, para se construir a si próprio no amor" (Ef 4,16). Por Jesus Cristo, que revela que Deus é Pai de todos os homens, Deus convoca-nos a todos (a palavra igreja tem o sentido de assembleia convocada). Chama-nos a todos a viver como filhos de Deus. Os que aceitam conscientemente este chamamento formam a Igreja visível e vivem a sua fé participando nos sacramentos. Os que não ouvem o chamamento mas vivem no espírito do Evangelho, pelo menos implicitamente, estão ligados à Igreja pelo Espírito, "orientados para o Povo de Deus" (cf. Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja, nº 15-16).

Para Paulo, a Eucaristia é o acontecimento que, por assim dizer, materializa e torna visível este mistério: o cálice do vinho partilhado é, de facto, comunhão com o sangue de Cristo e o pão partido, comunhão com o corpo de Cristo. Assim os crentes, embora sendo muitos, formam um só corpo (cf. 1 Cor 10,16-17).

O livro do Apocalipse contém uma visão maravilhosa da união íntima e permanente de Cristo com a sua Igreja: a tomada de posse do seu Reino pelo Senhor é-nos apresentada poeticamente como a celebração de umas núpcias: o esposo é o Cordeiro de Deus, o Senhor, e a esposa vestida de linho resplandecente é a Igreja (Ap 19,6-9).



Questões para mim e para nós

Para a oração

- *Quando rezo, tenho consciência de pertencer à Igreja que é o Corpo de Cristo? Isso é para mim motivo de acção de graças?*
- *Quando rezo pelos outros, penso que os meus irmãos são membros do mesmo Corpo, ou chamados a fazer parte dele? Assumo como minha responsabilidade as intenções da Igreja?*
- *Para a minha oração pessoal, inspiro-me na oração da Igreja, na oração litúrgica (orações da Missa ou das horas como Laudes e a oração da noite) ou em outras formas de devoção que depois faço minhas? (Via Sacra, terço, ladainhas, etc.)?*

Para a Regra de Vida

- *Como baptizados, reflectamos na nossa maneira de participar activamente na vida da Igreja: somos activos de acordo com as nossas possibilidades? Respondemos aos apelos ao serviço que nos chegam das nossas paróquias, das nossas dioceses e do próprio Movimento?*
- *Uma regra de vida poderia ser a escolha de um empenhamento para servir melhor Cristo vivo na Igreja. Interrogue-mo-nos de forma especial sobre a nossa maneira de considerar os mais humildes e os mais pobres em quem Cristo Se reconhece (cf. Mt 25,31-46).*

Para o Dever de Se Sentar

- *Prolonguemos juntos as reflexões sugeridas para a oração e a regra de vida.*
- *Poderíamos também fazer o ponto da situação relativamente à qualidade de "pequena Igreja" do nosso casal e da nossa família. O sacramento do matrimónio reflecte em nós e por nós a aliança nupcial de Cristo com a família humana: reflectamos nas implicações que isso traz à nossa vida de casal e de família. Que papel assumimos na missão que Cristo dá aos seus discípulos? Em que medida nos sentimos responsáveis como célula da Igreja?*

N.B. Será conveniente anotar por escrito os pontos essenciais das nossas reflexões pessoais e da troca de impressões em casal. Isso ajuda a voltar depois ao assunto. Além disso, essas notas permitirão uma partilha melhor em equipa.



Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Comuniquemos à equipa alguns aspectos das nossas reflexões pessoais e em casal.*
- *Juntos, interroguemo-nos sobre se a nossa imagem ou a nossa concepção de Igreja foi confirmada ou alterada pelas reflexões deste capítulo. Mantemos uma distância mais ou menos crítica em relação à Igreja ou lembramo-nos do artigo do nosso Credo que diz: "creio na Igreja, una, santa..."?*
- *Como perceber a presença de Cristo na Igreja, nomeadamente na assembleia eucarística, através da sua Palavra, da comunidade, do pão da vida? Temos também consciência de que os serviços e as missões caritativas ou de apostolado significam concretamente a nossa fidelidade a Jesus presente na comunidade dos baptizados?*



Para reflectir sobre a Palavra de Deus

Para a oração na reunião poder-se-á escolher um dos textos propostos

João 15,1-8

"Eu sou a videira verdadeira e o meu Pai é o agricultor. Ele corta todo o ramo que não dá fruto em Mim e poda o que dá fruto, para que dê mais fruto ainda. Vós já estais purificados pela palavra que vos tenho anunciado. Permanecei em Mim, que Eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem Mim, nada podeis fazer. Se alguém não permanece em Mim é lançado fora, como um ramo, e seca. Esses são apanhados e lançados ao fogo, e ardem. Se permanecerdes em Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e assim vos acontecerá. Nisto se manifesta a glória de meu Pai: em que deis muito fruto e vos comporteis como meus discípulos".

Primeira Carta aos Coríntios 12,12-13.27-28

Como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo. De facto, num só Espírito, fomos todos baptizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito.

Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo, profetas; em terceiro, mestres...

FICHA TÉCNICA

Equipa redactorial: Tema de estudo preparado pela Equipa Satélite
“Pesquisa e Reflexão” e revisto pela Equipa Responsável Internacional

Design gráfico: Inês Figueiredo

Impressão: Visão Gráfica - Paredes

Propriedade e Administração:

ENS - Equipas de Nossa Senhora
(Instituição Particular de Solidariedade Social)

Av. Roma 96, 4ºEsq • 1700-352 Lisboa

Telefone: 21 842 9340 • Fax: 21 842 9345

E-mail: ens@ens.pt • Site: www.ens.pt